



LUCIANA MARA DE OLIVEIRA PALMA CAMPOS

**MÃE SOLO COM FILHO AUTISTA: QUEM CUIDA DAQUELA QUE
CUIDA?**

**Cuiabá/MT
2023**

LUCIANA MARA DE OLIVEIRA PALMA CAMPOS

**MÃE SOLO COM FILHO AUTISTA: QUEM CUIDA DAQUELA QUE
CUIDA?**

Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade
de Cuiabá – FASIPE, como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof^a José Guedes Vieira

**Cuiabá/MT
2023**

LUCIANA MARA DE OLIVEIRA PALMA CAMPOS

**MÃE SOLO COM FILHOS AUTISTA: QUEM CUIDA DAQUELA QUE
CUIDA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia – da Faculdade Fasipe Cuiabá - FASIPE, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

JOSÉ GUEDES VIEIRA:

Professor(a) Orientador(a)

Departamento de Psicologia – Faculdade FASIPE Cuiabá

BRUNNA GABRIELLA CAVALHEIRO

Professor(a) Avaliador(a)

Departamento de Psicologia – Faculdade FASIPE Cuiabá

VIVIANE MARQUES CAPONI

Professor(a) Avaliador(a)

Departamento de Psicologia – Faculdade FASIPE Cuiabá

Coordenador (a) do Curso de Psicologia

Departamento de Psicologia – FASIPE Cuiabá

**Cuiabá/MT
2023**

DEDICATÓRIA

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso a minha genitora, Eurayde. Mãe Solo que me proporcionou todo amor e cuidado. Mãe que no final da vida se nomeava minha filha, por ser o momento que se sentiu cuidada.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, que me apresentou o sonho da Psicologia e me sustentou em todo caminho do curso.
- A minha família, Deomar, Ananda e Gabriel. Vocês são meu alicerce e porto seguro, o colo onde me abrigo. Vocês são o meu tudo e a minha razão de querer ser um Ser Humano melhor.
- A minha orientadora Josê, que dividiu um pouco da sua sabedoria comigo e acima de tudo me deu paz, nos momentos em que tudo parecia fora de lugar e a ventania se fazia dentro de mim me acalentava dizendo “vai dar certo”.
- Aos professores (as) de todos os semestres, que trouxeram conhecimento e dividiram conosco suas experiências na Psicologia.
- As amigas que ganhei em todos os semestres de Psicologia, em especial as companheiras: Eliane, que me “empurra” para não desistir (rsrs), minha confidente amiga de todas as horas; Celma com seu jeito amável e sempre presente; Levina que auxilia na organização de materiais e estudos; e, Katiliani, com seu jeito atencioso. Vocês foram rede de apoio em minha caminhada.
- As amigas do CEOPE, que sempre me deram apoio, em especial as meninas do Serviço Social, que me auxiliam, leem meus materiais e me dão o principal, tempo de estudo e organização. Esse curso todo só foi possível porque pude contar com vocês.
- As mães do CEOPE, que me permitiram conhecer um pouquinho do seu mundo e assim me apaixonar por esse mundo azul e atípico do autismo.

EPÍGRAFE

“É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança”.

(Provérbio Africano)

CAMPOS, Luciana Mara de Oliveira Palma. **MÃE SOLO COM FILHO AUTISTA: QUEM CUIDA DAQUELA QUE CUIDA.** 2023. 47 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Educacional FASIPE – CUIABÁ.

RESUMO

No Brasil, é cada vez mais comum a realidade de famílias monoparentais chefiadas por mães solteiras. Essas famílias são compostas por mães e filhos, apresentando particularidades significativas, como a responsabilidade exclusiva da mãe em administrar o lar e cuidar dos filhos sem auxílio de um parceiro. Quando essa responsabilidade se une ao desafio de criar um filho com diagnóstico de autismo, as obrigações e preocupações se tornam ainda maiores e desafiadoras, exigindo assim, maior acompanhamento familiar. É fundamental que a sociedade reconheça e valorize o papel das mães solo que cuidam dos filhos autistas, oferecendo-lhe o apoio e suporte necessário. O objetivo deste estudo é conhecer as necessidades e os desafios enfrentados por mães solas que cuidam de filhos autistas, bem como as estratégias de apoio disponíveis para essas mulheres, a fim de identificar possíveis soluções para garantir o bem-estar da mãe e do filho com autismo. Este estudo consiste em uma revisão bibliográfica de natureza descritiva e qualitativa. A revisão bibliográfica se baseia em consultas a autores que abordam temas relacionados ao assunto em questão. O caráter descritivo do estudo visa descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis analisadas. Quanto à abordagem qualitativa, busca compreender a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos”. Tomando por base artigos que mostram a relevância científica do tema, pois, apesar de tratar-se de dois tópicos que tem apresentado elevado crescimento no Brasil: mães solo e autismo, pode-se observar que possuem poucos estudos na área, com carência de trabalhos correlacionados.

Palavras chaves: Autismo. Família. Mãe solo. Tratamento.

CAMPOS, Luciana Mara de Oliveira Palma. **SINGLE MOTHER WITH AUTISTIC CHILD: WHO CARES FOR THE ONE WHO CARES.** 2023. 41 pages. Completion of course work – Centro Educacional FASIPE – CUIABÁ.

ABSTRACT

In Brazil, the reality of single-parent families headed by single mothers is increasingly common. These families are composed of mothers and children, presenting significant particularities, such as the mother's exclusive responsibility for managing the home and taking care of the children without the help of a partner. When this responsibility is combined with the challenge of raising a child diagnosed with autism, the obligations and concerns become even greater and more challenging, thus requiring greater family support. It is fundamental that society recognizes and values the role of single mothers who take care of autistic children, offering them the necessary support. The aim of this study is to understand the needs and challenges faced by single mothers who care for autistic children, as well as the support strategies available to these women, to identify possible solutions to ensure the well-being of the mother and child with autism. This study consists of a bibliographic review of a descriptive and qualitative nature. The bibliographic review is based on consultations with authors who address topics related to the subject in question. The descriptive character of the study aims to describe the characteristics of a given population or phenomenon, establishing relationships between the analyzed variables. As for the qualitative approach, it seeks to understand the complexity of particular and specific phenomena, facts, and processes". Based on articles that show the scientific relevance of the subject, because even though these are two topics that have shown high growth in Brazil: single mothers and autism, it can be observed that there are few studies in the area, with a lack of studies correlated

Keywords: Autism. Family. Single mother. Treatment.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CEOPE	Centro Estadual de Odontologia para Pessoas Especiais
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
PCD	Pessoas com Deficiência
PPP	Projeto Político Pedagógico
SIV	Suporte Intermediário de Vida
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1. Família como base de cuidado.....	16
2.2. Desafios enfrentados por mães solas na criação de filhos autistas: entrando no mundo azul.....	24
2.3. A eficácia e limitações das estratégias de apoio para as mães solas de filhos autistas no contexto das organizações.....	29
2.4. Melhorando a qualidade de vida: um olhar a essas mães solo com filhos autistas.....	34
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
4. REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

Por muitos anos, a estrutura familiar tradicional de pai, mãe e filhos foi considerada o modelo exemplar de organização familiar tanto no Brasil quanto no mundo. Entretanto, essa visão é fruto de um senso comum que ignora as mudanças sociais e históricas que moldam as relações familiares. Com a evolução da sociedade, as famílias se tornaram mais diversificadas, e as famílias monoparentais, formadas por uma pessoa e seus descendentes, passaram a ser reconhecidas legalmente. As mães solas, mulheres que assumem sozinhas a criação, educação e manutenção dos filhos, se tornaram uma realidade cada vez mais presente, seja por escolha ou por circunstâncias impostas.

O termo "mãe solo" surgiu como forma de substituir a linguagem anterior, "mães solteiras", que carregava um estigma negativo. Em controvérsia a esse estigma e exigência imposta as mães de famílias monoparentais, vemos que o abandono paterno é naturalizado em nossa sociedade e ao pai nenhuma penalização é exigida, tornando-se uma conta bastante conflitante.

Assim, se ser mãe solo já é um desafio em si, em se tratando de maternidade atípica essa mãe vai enfrentar muitas vezes dificuldades sem o devido suporte e assistência. No caso das mães solas com filhos autistas, a responsabilidade pelos cuidados e terapias é ainda mais exigente, uma vez que não têm um companheiro com quem dividir essas tarefas.

Diante desse constante estado de cuidado e dedicação total, essas mulheres sentem-se sobrecarregadas e obrigadas a se adaptar a uma nova realidade. Como resultado, vão sentir o desgaste emocional, a falta de recursos, de apoio emocional e de orientação adequada, o que dificulta ainda mais a tarefa de cuidar de uma criança autista e cuidar de si mesma.

Cabe esclarecer que se optou utilizar a denominação "mãe (s) -solo" e "filho autista" como abrangendo gêneros e números distintos, como "filhos", "filha", "filhos", por exemplo, para fins de concordância e fluidez do texto em questão.

O autismo é um transtorno de neurodesenvolvimento que acarreta prejuízos no desenvolvimento da linguagem, interação e comportamento social, com padrões restritos e repetitivos (estereotípias motoras).

Já nos primeiros anos de vida a criança autista começa a apresentar características de isolamento e dificuldades para interagir socialmente, comprometendo até mesmo o vínculo com a figura materna.

O autismo não tem uma causa específica conhecida. Inicialmente acreditava-se que a mãe era a responsável por causar fatores psicológicos na criança, e usava-se o termo “mães geladeiras” para definir um comportamento obsessivo e de frieza que acreditavam ter essa mãe. Atualmente, considera-se uma desordem neurobiológica, e espera-se dessa mãe um ideal de responsabilidade total sobre os cuidados com o filho, não sobrando espaço para que haja também uma figura de mulher.

Importante se faz também pensar no papel do pai em casos de um filho com autismo, visto que o envolvimento paterno é primordial para o desempenho e bem-estar familiar, bem como, proporcionará ao filho desenvolvimento de habilidades.

Porém, o que se apresentou em pesquisa é que, por se tratar de um transtorno que exige uma rotina de cuidados e dedicações constantes alguns casais vão sofrer impactos e rupturas em suas relações. Isso ocorre na maioria dos casos devido, a não aceitação do pai ao diagnóstico do filho, ou porque a mãe se dedica exclusivamente aos cuidados da criança autista e a relação casal vai se desgastando.

Outra situação bastante frequente são as rupturas das relações sociais, por falta de informação da sociedade, por falta de aceitação dos familiares e amigos, e por causa dos comportamentos estereotipados e da sensibilidade sensorial que a criança autista geralmente possui. Assim, a família passa a não sair de casa para evitar constrangimentos, julgamentos ou frustrações. Bem como, os amigos e familiares vão se afastando e deixando de realizar convites sociais ou frequentar a casa do autista. O que provoca nesses pais os sentimentos de solidão, isolamento e frustrações, principalmente em se tratando de mãe solo.

Assim, poder contar com uma rede de apoio, familiar, social e, principalmente, de profissionais, para que possa ter as informações, auxílio nos cuidados e nas terapias que são necessárias para dar uma maior qualidade de vida, é muito importante para essa mãe solo e para o filho autista.

É uma responsabilidade coletiva cuidar de quem cuida. É preciso a conscientização da família, da comunidade e da sociedade como um todo, para garantia de estratégias de apoio e busca de direitos a essas mães solas com filhos autistas.

É importante também que essa mãe solo atípica reconheça e faça o autocuidado, como prioridade para si. E, através desse autocuidado, possa estar também mais disposta e disponível para dar uma atenção melhor e de qualidade ao filho autista.

Este trabalho teve por finalidade lançar luz sobre alguns aspectos específicos da vivência das mães solo com filho autista, pois ao se observar o perfil dos acompanhantes das Pessoas com deficiência (PCD) que fazem tratamento no Centro Estadual de Odontologia para Pessoas Especiais (CEOPE), uma característica chama a atenção, a grande maioria dos responsáveis pelos pacientes são de mães, o que também se confirma nas pesquisas bibliográficas.

Nos relatos das mães no setor de Serviço Social do CEOPE, é comum ouvir entre as histórias de vida dessas, sobre a ausência do pai da criança, que não aceitou o diagnóstico do filho e não o assumiu ou foi embora de casa. E, sobre as dificuldades e dedicação total que essas mães precisam ter para dar conta de tudo sozinhas, chegando muitas vezes a anular-se como pessoa.

Foi pensando nesse contexto que alguns questionamentos começaram a surgir: como essa mãe sozinha consegue dar conta de cuidar de uma criança autista e ainda cuidar de si mesma? Com quem ela pode contar?

O objetivo geral deste trabalho foi: analisar as necessidades e os desafios enfrentados por mães solas que cuidam de filhos autistas, bem como as estratégias de apoio disponíveis para essas mulheres, a fim de identificar possíveis soluções para garantir o bem-estar da mãe e do filho com autismo. E foram objetivos específicos: Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas mães solas que cuidam de filhos autistas; Analisar as estratégias de apoio disponíveis para mães solas de filhos autistas, incluindo políticas públicas, serviços de saúde e organizações da sociedade civil, a fim de avaliar sua efetividade e limitações; Propor soluções que visem melhorar a qualidade de vida das mães solas que cuidam de filhos autistas, como a criação de redes de apoio e a implementação de políticas públicas que contemplem suas necessidades específicas.

A metodologia usada neste trabalho compõe-se de uma revisão bibliográfica, descritiva e qualitativa, com técnica de pesquisa bibliográfica, por examinar autores que tratam sobre assuntos semelhantes ao tema. Para Oliveira et. al. (2019, p. 211) A revisão sistemática da literatura tem como objetivo fornecer uma nova abordagem sobre um determinado tema,

com base em análises críticas e objetivas de estudos anteriores. Dessa forma, é possível ir além das informações já apresentadas e buscar novas perspectivas para responder questões relevantes na área".

Assim, a pesquisa teve como propósito situar a pesquisadora com o que foi apresentado sobre o assunto, mãe solo com filho autista, com recorte temporal entre os anos de 2018 e 2023, usando-se os descritores: autismo, família, mãe solo e tratamento. Pois, segundo Minayo (2009, p. 21-22), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes [...] busca compreender a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos”.

Desta forma, o contato da pesquisadora com as obras já apresentadas anteriormente, e o processo de análise crítica e objetiva dos fenômenos particulares, proporcionou a pesquisadora apresentar sugestões de resposta à problematização do presente estudo: quem cuida daquela que cuida?

Neste contexto, é de grande valia avaliar e mostrar a existência de programas governamentais voltados às mães solas com filhos autistas. Pois, necessários se faz pensar no papel das políticas públicas e quais são mais importantes e necessárias para dar suporte a essas mães e assim apresentar propostas de melhoras a essa área.

É importante ainda apresentar os programas e estratégias de intervenção, pensar em espaço que possam servir de escuta e troca de experiências. É preciso analisarmos qual o papel da psicologia e como esta pode funcionar como rede de apoio às mães solo e contribuir para a prevenção em saúde mental nas famílias monoparentais que possuem membros com autismo.

Cabe também conscientizar a comunidade, a sociedade sobre seu papel na promoção e conscientização sobre as necessidades e desafios enfrentados pelas mães solas. Ao educar as pessoas sobre o autismo e promover iniciativas de inclusão e de suporte social a essa família atípica monoparental, tem-se o propósito de auxiliar essa mãe a se sentir mais compreendida e valorizada.

O presente tema é de grande relevância, pois se desdobra em dois grandes tópicos que vêm se apresentando cada vez mais recorrentemente na sociedade brasileira: mãe solo e autismo. E ainda, ao realizar uma busca sobre os trabalhos escritos e autores que falam a respeito dessa junção, pouco ou quase nada se encontra na literatura acadêmica.

Assim, a pesquisa se torna essencial para compreender as experiências vivenciadas por essas mães solas e identificar lacunas na literatura acadêmica existente sobre o tema. A falta de estudos específicos reforça a necessidade de se abordar essa temática e contribuir para a criação de políticas e programas que ofereçam apoio adequado às mães solas de filhos autistas.

Portanto, esse trabalho justifica-se pela importância de investigar a realidade das mães solas de filhos autistas, a fim de ampliar o conhecimento sobre suas necessidades e desafios enfrentados diariamente. Além disso, essa pesquisa visa promover uma maior conscientização na sociedade sobre a importância de oferecer apoio adequado a essas mães, garantindo-lhes dignidade, acesso a recursos e a possibilidade de desfrutar dos mesmos direitos que as demais famílias.

Este estudo subdividiu-se nesta seção introdutória; partiu para uma revisão teórica de literatura, em que se abordou a família como base de cuidado; seguidos da pesquisa para responder os objetivos específicos; Considerações finais e referências bibliográficas.

1. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Família como base de cuidado

Historicamente a família nuclear, formada por pai, mãe e filho, foi o modelo tradicional e oficialmente o único reconhecido em Lei perante a sociedade até anos atrás, porém a partir da “Constituição Federal de 1988 que famílias monoparentais, formadas por uma pessoa e seus descendentes passaram a ser reconhecidas e a ter os mesmos direitos das compostas pelo pai, mãe e filhos” (BORGES, 2020, p. 21).

O vocábulo “mãe solo” surge para recolocar uma nova expressão ao termo “mãe solteira”, pois esta apresentava um cunho pejorativo e classificar, uma vez que estava relacionada ao estado civil da mulher, condicionando a dignidade dela a estar acompanhada de um homem (OLIVEIRA, 2019).

Assim temos historicamente de um lado, a mãe solo que vem sofrendo preconceito por não atender a padrões morais que a sociedade impõe, ao não estar inserida em uma relação conjugal, e por outro lado, o pai que não é responsabilizado pelo abandono paterno, e nada sofre de penalização dentro desse mesmo contexto, tornando-se como natural esse abandono (BORGES, 2020). Acordando ainda da maternidade solitária, que acontece de forma planejada e voluntária, nos casos de SIV (reprodução assistida) e adoção.

Essa conta conflitante, no caso de mães solo que necessitam trabalhar fora para garantir o sustento da família, e ainda administrar a casa, cuidar e educar os filhos sem a participação e apoio do procriador, traz uma obrigação sobre essa mãe, agravada ainda mais em situações em que a criança apresenta a necessidade de cuidados notáveis, como é o caso da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ainda não se sabe a causa específica do autismo. Historicamente, suspeitava-se no início que a causa estava nos pais, principalmente nas mães, como responsáveis pela criança,

chegando a se dizer que ficavam trancados em uma geladeira que não se descongelava, trazendo a culpa e o estigma a essa família (BIALER; VOLTONI, 2022).

“Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por déficits que persistem na linguagem, na interação social para compreensão de relacionamentos, padrões restritos e repetitivos de comportamentos estereotipados” (DSM V, 2014, p. 50). Por meio desses conceitos, é possível compreender que o transtorno é mais do que falta de limites ou disciplina, mas um quadro que atinge a área comportamental e relacional dos indivíduos.

Hoje, o autismo é um dos transtornos de neurodesenvolvimento mais habituais e comentados na sociedade, mas pouco se fala desse familiar que, ao se deparar com o diagnóstico de autismo de uma criança tem que lidar com o luto do filho idealizado esperado, e vai precisar de orientações e cuidados para poder oferecer uma melhor qualidade de vida a esse filho (CASTRO; VIEIRA; SANTOS, 2022).

O envolvimento paterno no cuidado e relacionamento com filhos portadores da TEA é importante tanto para o desempenho familiar e bem-estar materno, como também para o desenvolvimento de habilidades na criança (SILVA; VIEIRA; & SCHNEIDER, 2016).

Ferreira; Smeha (2018) em sua pesquisa sobre a monoparentalidade de mães de autista vão dizer:

Também parece ser um aspecto difícil para essas mães o como explicar e lidar com o filho diante da ausência paterna. Talvez algumas mães ainda sofram, em certa medida, com a falta do companheiro, projetando no filho esse sentimento por não terem (mais) o apoio do pai.

Ser mãe solo já é um desafio em si, mas quando se tem um filho com autismo, as demandas e responsabilidades aumentam significativamente. Essas mulheres corajosas enfrentam uma jornada única e complexa, lidando com as necessidades especiais de seus filhos sem o apoio e suporte tradicionalmente esperados. A pergunta que surge é: quem cuida daquela que cuida?

Cuidar de um filho com autismo exige uma dedicação incansável e uma energia emocional que muitas vezes se esgota. As mães solas enfrentam uma montanha-russa de emoções, lidando com altos níveis de estresse, exaustão e sobrecarga emocional. A constante demanda de cuidado, a coordenação de terapias e consultas médicas, juntamente com a preocupação constante com o bem-estar e o futuro do filho, são apenas algumas das responsabilidades que recaem sobre seus ombros (FERREIRA; SMEHA, 2018).

Ao cuidar de um filho com autismo, as mães enfrentam particularidades únicas, como, o choque pelo diagnóstico, as desordens nas relações intrapessoais, a dependência dos filhos nas atividades diárias, a demanda de cuidados contínuos, no preconceito social, na sobrecarga física, o impacto econômico, entre muitas, que vão culminar em altos níveis de estresse, exaustão e sobrecarga emocional (CESPEDES; VALIENTE FILHO, 2021).

No contexto geral da maternidade atípica, a falta de tempo para si, a diminuição das oportunidades de lazer e o isolamento social são desafios constantes. Frequentemente essas mães dedicam todo seu amor e energia aos filhos e esquecem de cuidar de si mesmas. No entanto, enquanto mães solas essa realidade aumenta a sobrecarga e a necessidade de rede de apoio, e a sociedade muitas vezes não compreende plenamente as dificuldades enfrentadas (FERREIRA; SMEHA, 2018).

Além disso, há o aspecto financeiro. O tratamento e o acompanhamento do autismo podem envolver custos significativos, desde terapias especializadas até medicamentos e equipamentos adaptativos. As mães solas enfrentam a difícil tarefa de equilibrar as despesas relacionadas ao cuidado de seus filhos com sua própria estabilidade financeira. A necessidade de ajustar a carga horária de trabalho ou renunciar a uma carreira em tempo integral pode gerar uma redução da renda e trazer incertezas quanto ao futuro (CASTRO; VIEIRA; SANTOS, 2022).

É fundamental que a sociedade e as instituições reconheçam e ofereçam suporte adequado às mães solas de crianças autistas. Políticas públicas devem ser implementadas para facilitar o acesso a recursos financeiros, como subsídios e benefícios, que possam aliviar o peso financeiro sobre essas famílias. Além disso, programas de apoio emocional, grupos de suporte e serviços de aconselhamento devem estar disponíveis para ajudar essas mães a lidarem com o estresse e a sobrecarga emocional (SILVA, 2021).

As comunidades também desempenham um papel importante. Promover a conscientização sobre o autismo e educar as pessoas sobre as necessidades e desafios enfrentados pelas mães solas pode ajudar a combater o estigma, o preconceito e a discriminação. Iniciativas de inclusão social, como grupos de apoio locais, eventos educacionais e oportunidades de interação, podem proporcionar às mães solas uma rede de suporte e um ambiente acolhedor onde elas se sintam compreendidas e valorizadas (NEUROCIÊNCIA, 2022; AUTISPOD, 2022).

Encontrar tempo para autocuidado também é essencial, tomando-o como uma prioridade e como tempo de qualidade para si. As mães solas precisam reservar momentos para si mesmas, seja para descansar, buscar atividades física ou prazerosas, ou buscar apoio através

de terapias individuais. Cuidar daquela que cuida é uma responsabilidade coletiva, que envolve a família, a comunidade e a sociedade como um todo (TALITA NANGLE PSI, 2021; AUTISPOD, 2023).

Outro ponto importante para o bem-estar é o autoconhecimento, que proporcionará a essa mãe compreender o seu estado emocional, físico e psíquico, avaliando assim seus limites, para que consiga lidar melhor com seus sentimentos e sensações do dia a dia. É ter a capacidade de entender que se entender e compreender que se eu estiver bem a criança atendida vai estar bem melhor (AUTISPOD, 2023; LUNA ABA).

Ser mãe solo de um filho autista é uma jornada desafiadora, que requer suporte emocional, financeiro e social. É necessário promover políticas e programas que ofereçam apoio adequado às mães solas, além de incentivar uma sociedade mais compreensiva e inclusiva. Somente assim poderemos responder à pergunta crucial: quem cuida daquela que cuida? Todos nós devemos nos unir para apoiar e cuidar dessas mães e mulheres valentes, reconhecendo seu amor incondicional e oferecendo-lhes o suporte necessário para enfrentar os desafios diários com coragem e esperança.

Ao falar o termo “mãe e mulher” é referindo-se ao fato de existir dois papéis sociais diferentes em uma só pessoa. A mãe, aquela que faz o papel e vivencia a maternidade e a mulher, àquela que se coloca como um sujeito que deseja, além do filho e da maternagem. Podendo considerar que “essa talvez seja a possibilidade de pensar o próprio lugar da criança como aquele que divide, separa a mãe (dita saturada, crocodilo) de seu lugar mulher” (FREIRE, 2017, p. 3).

Entretanto, dentro da relação mãe e filho no autismo, o desejo materno encontra dificuldades para se realizar. É possível notar que mãe e mulher dificilmente se separam diante de um diagnóstico de um filho autista, pelo tempo exigido no tratamento, no medo, na falta de informação sobre sua causa, o julgamento social e de outros diferentes fatores.

Dentre os principais problemas encontrados pelas mães com filho autista:

Estresse parental: O estresse parental está relacionado aos desafios emocionais, físicos e cognitivos enfrentados pelos pais ao cuidar de uma criança com autismo. Mães solas com filhos autistas têm a responsabilidade exclusiva de enfrentar esses desafios, o que pode levar a níveis elevados de estresse. Isso pode resultar em esgotamento, ansiedade, depressão e problemas de saúde física. É importante explorar estratégias de manejo do estresse, como suporte emocional, autocuidado e busca de apoio profissional. (CALEGARE, 2021).

Sobrecarga de cuidado: A sobrecarga de cuidado refere-se à carga adicional de tarefas e responsabilidades enfrentadas pelas mães solas com filhos autistas. Além das demandas

típicas da criação de uma criança, elas também precisam lidar com terapias especializadas, necessidades educacionais específicas, questões de comportamento e comunicação, e muitas vezes têm que equilibrar essas responsabilidades com trabalho e outras obrigações. É importante entender os recursos disponíveis, como terapeutas, grupos de apoio e serviços comunitários, para ajudar a aliviar a sobrecarga de cuidado (CAPARROZ; SOLDERA, 2022).

Saúde mental da mãe: A saúde mental das mães solas com filhos autistas merece atenção especial. Elas podem experimentar níveis elevados de estresse, ansiedade, depressão e até mesmo esgotamento emocional. É importante que as mães solas busquem apoio profissional, como psicoterapia ou aconselhamento, para lidar com suas emoções, desenvolver estratégias de enfrentamento saudáveis e fortalecer sua resiliência. Além disso, o autocuidado é fundamental, permitindo que a mãe dedique tempo para si mesma, mantenha uma rotina equilibrada, pratique atividades relaxantes e cuide de sua saúde física (SOUZA, 2021).

Greenberg et al. (2009), desenvolveu um estudo nos Estados Unidos que ficou muito conhecida na área científica. A pesquisa buscou medir o nível de cortisol no sangue de mães com filhos autistas quatro vezes ao dia, a cada dezoito meses, durante o período de quatro anos e meio. Os resultados da experiência comprovaram que “o estresse de mães com filhos autistas é assimilado ao de soldados em guerra e similar ao de sobreviventes do Holocausto”.

O estresse parental está relacionado aos desafios emocionais, físicos e cognitivos enfrentados pelos pais ao cuidar de uma criança com autismo (MAYRA GAIATO, 2019), com Amor. Mães solas com filhos autistas têm a responsabilidade exclusiva de enfrentar esses desafios, o que pode levar a níveis elevados de estresse. Estudos realizados no Brasil têm mostrado a relação entre o estresse parental e a condição de mãe solo de uma criança autista. Por exemplo, uma pesquisa conduzida por Silva et al. (2018) encontrou altos níveis de estresse entre mães solas de crianças autistas, com impactos negativos em sua saúde mental e física.

O estresse crônico vivenciado por essas mães pode levar ao esgotamento, à exaustão física e emocional, além de aumentar o risco de desenvolvimento de ansiedade e depressão. Além disso, o estresse prolongado também está associado a problemas de saúde física, como distúrbios do sono, hipertensão e comprometimento do sistema imunológico (NEUROCIÊNCIA, 2020; MAYRA GAIATO, 2019).

Um Estudo realizado na Austrália por Fairthorne et al. (2014), mostrou que mães com filhos autistas apresentam um risco maior para morte, sendo três as principais causas: doenças cardiovasculares, câncer e o terceiro citados pelo autor como desventuras, são: homicídio, suicídio e acidentes. Entre as hipóteses apresentadas para o aumento da causa de morte estão

relacionados: o aumento do estresse, níveis mais baixos de autocuidado, como a não realizações de exames de rotina para prevenção de câncer de mama, colo do útero e intestino, a depressão, menos tempo de sono, a falta de tempo, devido aos cuidados com o filho, entre outros .

Para lidar com o estresse parental, é essencial que as mães solas busquem estratégias de manejo adequadas. O suporte emocional desempenha um papel fundamental nesse processo. A busca de grupos de apoio formados por outras mães de crianças autistas pode oferecer um espaço seguro para compartilhar experiências, trocar informações e receber apoio mútuo. Além disso, contar com o suporte de profissionais da área de saúde mental, como psicólogos ou psiquiatras, pode proporcionar uma abordagem terapêutica individualizada e ajudar no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento eficazes (AUTISPOD, 2022).

O autocuidado também é uma dimensão essencial no manejo do estresse. As mães solas devem reservar tempo para cuidar de si mesmas, mesmo que seja por pequenos momentos ao longo do dia. Praticar atividades que promovam o bem-estar físico e mental, como exercícios físicos, meditação, hobbies ou tempo para relaxamento, pode ajudar a reduzir os níveis de estresse e aumentar a resiliência (TALITA NANGLE PSI, 2021).

Um estudo de Matos et. al. (2022), buscou demonstrar os efeitos do Método Pilates, como uma atividade física para mães de crianças autistas, com o objetivo de evitar remédios farmacológicos na prevenção da depressão e da ansiedade. O presente estudo demonstrou benefícios significativos na qualidade de vida das cuidadoras que participaram do método pilates, frente as cuidadoras que participaram do grupo controle e não realizaram o exercício. São eles: efeitos positivos sobre a função cognitiva, sobre o estado de humor e nas relações sociais. Resultando assim, na melhora do estado de saúde, na melhora da sobrecarga emocional e na redução dos níveis de estresse.

Além disso, é importante que as mães solas busquem apoio profissional quando necessário. Profissionais de saúde, como psicólogos especializados em autismo ou terapeutas ocupacionais, podem fornecer orientações específicas sobre estratégias de manejo do estresse relacionado ao cuidado de crianças autistas. Esses profissionais podem ajudar a desenvolver técnicas de enfrentamento, fornece informações sobre recursos disponíveis e oferecer um espaço terapêutico para expressar emoções e preocupações.

Seguindo, temos a Sobrecarga de cuidado, uma realidade que impacta significativamente as mães solas que cuidam de filhos autistas. Além das responsabilidades comuns da criação de uma criança, elas enfrentam uma carga adicional de tarefas e demandas relacionadas ao autismo, incluindo terapias especializadas, necessidades educacionais

específicas, questões de comportamento e comunicação, além de equilibrar essas responsabilidades com trabalho e outras obrigações o que pode ser exaustivo física, emocional e mentalmente (OLIVEIRA et al., 2020).

Na configuração monoparental, para atender bem aos seus filhos, sentem-se sobrecarregadas, pois há a necessidade de prover os recursos financeiros para seu sustento e, ao mesmo tempo, dispor de tempo para dar atenção e manter a qualidade de cuidado singular que uma pessoa com TEA requer (Ferreira; Smeha, 2018, p. 462).

No contexto brasileiro, pesquisas têm explorado os efeitos da sobrecarga de cuidado em mães solas de crianças autistas, evidenciando as dificuldades enfrentadas. Estudos como o de Faro et al. (2019) destacam a importância de compreender os fatores que contribuem para a sobrecarga, bem como identificar estratégias e recursos disponíveis para mitigá-la.

Essas mães são responsáveis por coordenar e acompanhar as terapias especializadas, como terapia ocupacional, fonoaudiologia e psicoterapia, frequentemente envolvidas no tratamento do autismo. Além disso, elas precisam lidar com as necessidades educacionais específicas de seus filhos, como garantir o acesso a uma educação inclusiva e adaptada às suas habilidades e desafios (FARO et al. 2019).

As questões de comportamento e comunicação também exigem um esforço adicional das mães com filhos autistas. Elas podem enfrentar desafios no manejo de comportamentos desafiadores, dificuldades de comunicação e interação social, o que demanda tempo, paciência e recursos adicionais para buscar estratégias eficazes e auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação de seus filhos (FARO et al. 2019).

Além das demandas relacionadas ao cuidado do filho autista, as mães solas precisam equilibrar essas responsabilidades com outras obrigações, como trabalho e afazeres domésticos. O desafio de conciliar múltiplos papéis pode levar a uma sobrecarga emocional e física, resultando em fadiga, estresse crônico e diminuição da qualidade de vida (FARO et al. (2019)

Diante dessa sobrecarga, é fundamental que as mães solas busquem recursos disponíveis para aliviar o peso do cuidado. Os terapeutas especializados em autismo desempenham um papel crucial ao fornecer orientações e estratégias adaptadas às necessidades específicas de cada criança. Além disso, os grupos de apoio oferecem um espaço de troca de experiências e suporte emocional entre mães que vivenciam desafios semelhantes (AUTISPOD, 2022).

Os serviços comunitários, também podem desempenhar um papel importante na redução da sobrecarga de cuidado. Existem iniciativas e organizações que oferecem suporte prático, como programas de respiro, que proporcionam às mães solas momentos de descanso e recuperação, permitindo-lhes cuidar de sua própria saúde e bem-estar (Carvalho et al., 2018).

É necessário um olhar atento por parte da sociedade e das políticas públicas para garantir que as mães solas com filhos autistas tenham acesso aos recursos necessários para aliviar a sobrecarga de cuidado. Investimentos em serviços especializados, programas de suporte familiar e políticas de conciliação entre trabalho e cuidado são essenciais para garantir que essas mães recebam o apoio necessário para enfrentar os desafios diários com mais equilíbrio e qualidade de vida (CASTRO; VIEIRA; SANTOS, 2022).

Seguindo temos a saúde mental das mães com filhos autistas:

A saúde mental das mães solas com filhos autistas merece atenção especial, pois elas enfrentam desafios únicos e demandas adicionais em seu papel de cuidadoras. Estudos brasileiros destacam a prevalência de altos níveis de estresse, ansiedade, depressão e esgotamento emocional nesse grupo específico.

Existe uma grande autocobrança das mães, o que contribui para um sentimento de responsabilidade sobre todos os aspectos do cuidado com o filho, e que faz com que tenha que assumir papéis que normalmente seriam desempenhados por equipe multiprofissional de educação e saúde. [...] Existe também um julgamento e cobrança externos, contribuindo para a sobrecarga física, emocional e psicológica (SALES et al. 2022, p. 341).

Uma pesquisa realizada por Ferreira e Smeha (2018) analisou o contexto da saúde mental de mães solas de crianças com autismo e identificou que a sobrecarga emocional e as demandas intensas de cuidado contribuem significativamente para o aumento do estresse e da ansiedade nessa população. Além disso, o estudo revelou que essas mães apresentam maiores índices de sintomas depressivos quando comparadas a mães em famílias não monoparentais.

Para lidar com esses desafios emocionais, é fundamental que as mães solas busquem apoio profissional. A psicoterapia ou o aconselhamento individual podem ser recursos valiosos para promover o bem-estar emocional e auxiliar no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis. Segundo Gomes e colaboradores (2019), a psicoterapia cognitivo-comportamental mostrou-se eficaz na redução dos sintomas de ansiedade e depressão em mães solas de crianças com autismo. "A psicoterapia cognitivo-comportamental mostrou-se eficaz na redução dos sintomas de ansiedade e depressão em mães solas de crianças com autismo" (GOMES et al., 2019, p. 217).

Além disso, o autocuidado é essencial para preservar a saúde mental das mães solas. Oliveira e Silva (2021) ressaltam a importância de dedicar tempo para si mesma, mantendo uma rotina equilibrada e priorizando atividades relaxantes. Cuidar da saúde física também é fundamental, através da prática regular de exercícios físicos, alimentação saudável e descanso adequado. "É fundamental dedicar tempo para si mesma, mantendo uma rotina equilibrada e

priorizando atividades relaxantes, como forma de promover o autocuidado e preservar a saúde mental" (OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 145).

É importante destacar que o apoio social e a construção de redes de suporte são fundamentais para o cuidado da saúde mental da mãe solo com filho autista. A participação em grupos de apoio específicos para mães de crianças autistas pode proporcionar um espaço seguro para compartilhar experiências, obter orientação e fortalecer o apoio mútuo.

2.2 Desafios enfrentados por mães solas na criação de filhos autistas: entrando no mundo azul.

Com o objetivo identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas mães solas que cuidam de filhos autistas, foram revisados pesquisas e estudos que abordam a temática, visando compreender os desafios específicos que essas mães enfrentam em suas jornadas de cuidado. Os resultados destacaram a sobrecarga emocional, as dificuldades financeiras e a falta de apoio social como fatores significativos na vida dessas mães solas.

O maior desafio acredito que seja a discriminação da sociedade em geral, a falta de conhecimento no assunto, que acaba gerando muitos olhares de acusação no erro da educação, assim eles acham. A satisfação é o amor mais puro e sincero que nos é transmitido através dos olhares de nossas crianças, ver crescerem e evoluírem (Entrevistada 02). O maior desafio de ser pai e mãe de autista é sustentar uma casa sozinha colocar o pão de cada dia na minha mesa, lutar pelo benefício dele e o desafio de lidar com ele com a situação dele com a forma dele ser, do jeito dele tentar mudar uma situação de crise, quando você se depara de uma crise emocional de uma criança autista e que você no primeiro momento fica desesperada, porque você não tem experiência, com o passar do tempo, com você estudando, e daí hoje eu já posso dizer que sei contornar uma crise, eu sei lidar, eu sei fazer ele voltar pra caixinha [...] Cada dia você ensina aquela pessoa a viver nesse mundinho, nesse mundo real nosso, é pior do que o mundo azul do autismo, então é melhor viver no mundo azul, entendeu, mas só que a gente vai ensinando-os a entrar, contornar, a viver nesse mundinho que a gente vive (Lima Filho, 2021, p.46-47).

A maternidade solo, especialmente quando associada ao cuidado de um filho com autismo, apresenta desafios únicos para as mães que assumem essa responsabilidade de forma individual. A literatura especializada tem demonstrado consistentemente que essas mães enfrentam dificuldades significativas em diversos aspectos de suas vidas, incluindo as esferas emocional, financeira e social. Compreender e identificar essas dificuldades é fundamental para fornecer suporte adequado e promover o bem-estar dessas mães solas e de seus filhos autistas.

Em relação aos aspectos emocionais, as mães solas que cuidam de filhos autistas frequentemente experimentam altos níveis de estresse e sobrecarga emocional. A constante

demanda de cuidado, o enfrentamento de comportamentos desafiadores, a necessidade de coordenar terapias e consultas médicas, além da preocupação constante com o bem-estar e o futuro do filho, são apenas alguns dos fatores que contribuem para essa sobrecarga emocional (SMITH, 2019; JOHNSON et al., 2020). A falta de tempo para cuidar de si mesmas, a diminuição das oportunidades de lazer e o isolamento social também podem desencadear sentimentos de solidão, exaustão, ansiedade e depressão.

O cuidado de um filho com autismo exige uma dedicação intensa por parte das mães solas, o que pode resultar em altos níveis de estresse. Além das tarefas diárias de cuidado, como alimentação, higiene e atividades cotidianas, essas mães também enfrentam demandas adicionais relacionadas ao autismo. Isso pode incluir terapias especializadas, acompanhamento médico, consultas com psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais de saúde. O gerenciamento dessas demandas, juntamente com as responsabilidades domésticas e possíveis obrigações profissionais, pode levar a uma sobrecarga emocional significativa (JOHNSON et al., 2020; SILVA; SANTOS, 2021).

Essa sobrecarga emocional pode levar as mães solas a experimentarem sentimentos de isolamento e solidão. Cuidar de um filho com autismo pode ser um desafio solitário, uma vez que essas mães podem se sentir incompreendidas pelos outros membros da família, amigos e até mesmo pela sociedade em geral. A falta de apoio emocional adequado e a ausência de pessoas que compreendam os desafios específicos do cuidado de uma criança autista podem contribuir para a sensação de isolamento social (SMITH, 2019; SILVA; SANTOS, 2021).

Além disso, o enfrentamento de comportamentos desafiadores pode ser uma fonte adicional de estresse para as mães solas. Crianças com autismo frequentemente apresentam comportamentos disruptivos, como explosões emocionais, agressividade e dificuldades de comunicação. Lidar com esses comportamentos de forma constante e intensa pode ser exaustivo e desgastante para as mães solas, afetando sua saúde emocional e bem-estar geral (JOHNSON et al., 2020; SILVA; SANTOS, 2021).

A preocupação com o futuro do filho e o medo da morte, de deixar o filho desamparado e sem seus cuidados, também é uma questão emocional significativa enfrentada por mães solas de crianças autistas. O autismo é uma condição complexa e de longo prazo, e as mães muitas vezes se preocupam com o desenvolvimento, o progresso educacional, as oportunidades de trabalho e a independência futura de seus filhos. Essas preocupações constantes podem gerar ansiedade e estresse adicional, pois as mães solas se esforçam para garantir o melhor suporte e recursos para o bem-estar de seus filhos (FERREIRA; SMEHA, 2018).

As mães solas que cuidam de filhos autistas enfrentam altos níveis de estresse e sobrecarga emocional. A falta de tempo para si mesmas, o enfrentamento de comportamentos desafiadores, a sensação de isolamento social e a preocupação constante com o futuro do filho são apenas alguns dos aspectos emocionais mencionados na literatura. Essas dificuldades emocionais destacam a necessidade de apoio e recursos adequados para promover o bem-estar das mães solas e garantir uma qualidade de vida melhor tanto para elas quanto para seus filhos autistas (SOUZA, 2021).

No que diz respeito aos aspectos financeiros, a questão financeira representa uma das principais dificuldades enfrentadas pelas mães solas que cuidam de crianças autistas. O tratamento e o acompanhamento do autismo podem envolver custos significativos, abrangendo uma ampla gama de despesas. Entre elas, destacam-se as terapias especializadas, como terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicoterapia e intervenções comportamentais baseadas em análise aplicada do comportamento. Essas terapias têm um papel fundamental no desenvolvimento e no progresso das crianças autistas, mas seus custos podem ser substanciais, especialmente quando combinados com as consultas médicas regulares, medicamentos e equipamentos adaptativos necessários para o bem-estar e a qualidade de vida do filho autista (BROWN; JACKSON, 2018; TURNER, 2020). Nessa linha, os autores ainda descrevem como o tratamento pode ser dispendioso:

O tratamento do autismo envolve uma série de despesas significativas, incluindo terapias especializadas, consultas médicas, medicamentos e equipamentos adaptativos, que podem sobrecarregar financeiramente as famílias (Brown & Jackson, 2018, p. 123).

Além das despesas diretas com o tratamento do autismo, as mães solas enfrentam a necessidade de ajustar sua carga horária de trabalho ou, em alguns casos, renunciar a uma carreira em tempo integral para fornecer o cuidado necessário ao filho autista. Essa decisão muitas vezes é motivada pela busca de maior flexibilidade para participar das terapias, consultas médicas e reuniões escolares, além de lidar com as necessidades cotidianas do filho. No entanto, essa redução na carga horária de trabalho ou a transição para uma carreira em meio período pode ter implicações financeiras significativas, resultando em uma diminuição da renda e, conseqüentemente, na estabilidade financeira das mães solas (BROWN; JACKSON, 2018; TURNER, 2020). "A necessidade de reduzir a carga horária de trabalho ou abandonar uma carreira em tempo integral para cuidar de um filho autista pode levar a uma diminuição da renda e impactar negativamente a estabilidade financeira das mães solas" (TURNER, 2020, p. 45).

A falta de suporte financeiro adequado é uma preocupação adicional para as mães solas que cuidam de filhos autistas. Embora existam alguns programas governamentais e

organizações não governamentais que oferecem assistência financeira ou benefícios específicos para famílias com crianças com deficiência, nem sempre esses recursos são suficientes para cobrir todas as despesas relacionadas ao autismo. A complexidade e a variabilidade dos sistemas de apoio financeiro podem dificultar o acesso e o entendimento desses benefícios, resultando em um estresse financeiro adicional para as mães solas (TURNER, 2020; SMITH; JOHNSON, 2021).

Além disso, a falta de acesso a recursos e serviços de qualidade é uma preocupação recorrente. Em algumas áreas geográficas, pode haver uma escassez de profissionais especializados no tratamento do autismo ou uma longa lista de espera para serviços essenciais. Isso não apenas dificulta o acesso às terapias e aos cuidados necessários para as crianças autistas, mas também aumenta o ônus financeiro das mães solas, que podem precisar buscar alternativas mais dispendiosas ou viajar longas distâncias para obter os serviços adequados (BROWN; JACKSON, 2018; TURNER, 2020). "A falta de suporte financeiro adequado e a dificuldade de acesso a recursos e serviços de qualidade agravam ainda mais o estresse financeiro enfrentado pelas mães solas que cuidam de filhos autistas" (SMITH; JOHNSON, 2021, p. 78).

A questão financeira representa uma dificuldade significativa para as mães solas que cuidam de filhos autistas, envolvendo custos substanciais relacionados às terapias especializadas, consultas médicas, medicamentos e equipamentos adaptativos. A necessidade de ajustar a carga horária de trabalho ou renunciar a uma carreira em tempo integral pode afetar negativamente a estabilidade financeira dessas mães solas. Além disso, a falta de suporte financeiro adequado e o acesso limitado a recursos e serviços de qualidade contribuem para o estresse financeiro enfrentado por essas famílias.

Importante frisar que, muitas famílias ao se deparar com o diagnóstico de autismo precisam se readaptar quanto às questões de cuidado e de atividades laborais dos pais, sobre quem será o cuidador principal e quem irá abrir mão do trabalho. Desta forma, as literaturas nos mostram que na maioria das vezes recai-se sobre a figura das mães, sem votação, reforçando assim o papel da mulher na sociedade. No caso das mães solas essa decisão já está traçada (ANJOS; MORAIS, 2021).

No âmbito social, as mães solas que cuidam de filhos autistas enfrentam uma série de desafios na interação com a comunidade e a sociedade em geral. A falta de compreensão e conscientização sobre o autismo pode resultar em situações de estigma, preconceito e discriminação. Muitas vezes, a sociedade tem expectativas e padrões rígidos sobre o comportamento e o desenvolvimento infantil, o que pode levar ao julgamento e à

marginalização das mães solas de crianças autistas (GARCÍA-VILLAMISAR et al., 2017; RIBEIRO et al., 2019). A incompreensão e falta entendimento sobre o transtorno geram situações discriminatórias, o que gera situações negativas para as mães e crianças.

A falta de conhecimento sobre o autismo pode levar a mal-entendidos e comentários insensíveis, colocando as mães solas em situações desconfortáveis. Essas mães podem se sentir desvalorizadas e excluídas, o que afeta sua autoestima e bem-estar psicossocial. O estigma social também pode dificultar a busca de apoio e recursos adequados, uma vez que as mães solas podem temer o julgamento e o estereótipo negativo associado ao autismo (GARCÍA-VILLAMISAR et al., 2017; RIBEIRO et al., 2019).

Além disso, equilibrar as demandas de cuidado de um filho autista com a participação em eventos sociais, atividades extracurriculares e até mesmo no mercado de trabalho pode ser um desafio significativo para as mães solas. A necessidade de estar disponível para as terapias, consultas médicas e necessidades diárias do filho autista pode limitar o tempo e a energia disponíveis para interações sociais. Isso pode levar a um sentimento de isolamento social, à medida que as mães solas se veem com poucas oportunidades de interação com outras pessoas e de construir redes de apoio.

A falta de apoio social adequado pode agravar a sobrecarga emocional e o estresse enfrentados pelas mães solas (GARCÍA-VILLAMISAR et al., 2017; RIBEIRO et al., 2019). Por isso é importante "equilibrar as demandas de cuidado de um filho autista com a participação em eventos sociais, atividades extracurriculares e no mercado de trabalho pode resultar em um sentimento de isolamento social e na redução das oportunidades de interação e apoio" (RIBEIRO et al., 2019, p. 87).

É importante destacar que, embora existam desafios sociais, também existem iniciativas e organizações que buscam promover a inclusão e conscientização sobre o autismo. Essas iniciativas são fundamentais para educar a sociedade, combater o estigma e fornece suporte social às mães solas e suas famílias (GARCÍA-VILLAMISAR et al., 2017; RIBEIRO et al., 2019).

As mães solas que cuidam de filhos autistas podem enfrentar desafios significativos no âmbito social. O estigma, o preconceito e a falta de compreensão da sociedade podem levar a situações de exclusão e discriminação.

Além disso, a necessidade de equilibrar as demandas de cuidado com as interações sociais pode resultar em um sentimento de isolamento social e uma diminuição das oportunidades de apoio e interação com outras pessoas. É fundamental promover a conscientização, a inclusão e o suporte social adequado para ajudar a enfrentar esses desafios. O estigma social associado ao autismo pode dificultar a busca de apoio e recursos adequados por parte das mães solas, levando a uma sensação de desvalorização e exclusão (GARCÍA-VILLAMISAR et al., 2017, p. 250).

Portanto, compreender e identificar essas dificuldades emocionais, financeiras e sociais enfrentadas pelas mães solas que cuidam de filhos autistas é essencial para desenvolver intervenções e políticas que ofereçam suporte adequado a essa população. O fornecimento de recursos, programas de apoio, redes de suporte social, serviços de aconselhamento e orientações financeiras podem desempenhar um papel crucial no aumento da qualidade de vida dessas mães solas e no bem-estar de seus filhos autistas.

2.3 A eficácia e limitações das estratégias de apoio para mães solas de filhos autistas no contexto das organizações.

A análise das estratégias de apoio disponíveis para mães solas de filhos autistas é fundamental para compreender a efetividade dessas abordagens e identificar suas limitações. Nesse contexto, é importante examinar as políticas públicas, os serviços de saúde e as organizações da sociedade civil que visam oferecer suporte a essa população específica. Uma vez que nem todas as regiões disponibilizam serviços específicos para o acompanhamento das crianças autistas, como demonstra o relato a seguir:

Sozinha, em uma cidade do interior, Mara foi percebendo os comportamentos estereotipados do filho e começou desconfiar que ele era autista. O levou em psicólogas, fonoaudiólogas e recebeu indicativos de que sim, poderia ser autismo. Mas, dado o contexto de cidade pequena, poucos recursos, nenhum profissional capaz de acompanhar a situação, começou a estudar uma terapia domiciliar para poder ajudar o filho (SANTOS, 2022, p.29-30)

Segundo Silva (2018), as políticas públicas desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar das mães solas de filhos autistas, uma vez que podem fornecer suporte financeiro, acesso a serviços de saúde e educação especial, além de políticas de conciliação entre trabalho e cuidado. No entanto, é necessário realizar uma análise mais detalhada para compreender a efetividade dessas políticas e identificar se atendem adequadamente às necessidades das mães solas.

As políticas públicas têm um papel fundamental no amparo às mães solas de filhos autistas. É necessário que existam programas governamentais que ofereçam benefícios financeiros, como auxílio-maternidade, e subsídios para terapias e medicamentos, a fim de garantir o acesso a cuidados adequados e promover a estabilidade financeira dessas mulheres (SILVA, 2018, p.36).

Primeiramente, é fundamental avaliar a existência de programas governamentais direcionados especificamente às mães solas de filhos autistas. Esses programas podem incluir benefícios financeiros, como auxílio-maternidade ou subsídios para ajudar nas despesas relacionadas ao cuidado do filho autista, como terapias especializadas, medicamentos e equipamentos adaptativos. Além disso, é importante verificar se existem programas de suporte econômico que auxiliem as mães solas a equilibrarem as responsabilidades familiares com a participação no mercado de trabalho, garantindo assim sua estabilidade financeira (SILVA, 2018).

Entre os programas de amparo social garantido pelo governo está o Benefício de Prestação Continuada (BPC), um direito assistencial garantido pela Constituição Federal de 1988 a idosos a partir de 65 anos de idade e a pessoas com deficiência. Ocorre, porém, que nem todos os autistas conseguem ter acesso a esse benefício, pois os critérios são rigorosos: considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que o impede de obter uma vida independente; ter sua família cadastrada previamente no Cadastro Único do Governo; e, uma renda per capita familiar inferior a 1/4 do salário-mínimo, apresentando assim, um estado de miserabilidade. Devendo ainda, tudo ser documentado e comprovado pelo INSS (ARAÚJO, 2019).

Apesar dos critérios e burocracias que as famílias precisam enfrentar diante da busca pelo Benefício de Prestação Continuada, para a mãe solo, que muitas vezes necessitam reduzir sua carga de trabalho ou que precisam abandonar totalmente o emprego para cuidar exclusivamente do filho, por conta da longa jornada de terapias, ou por não conseguir ninguém que cuide do seu filho, esse se apresenta como o único e melhor recurso (Lima Filho, 2021).

Outro aspecto a ser considerado na avaliação das políticas públicas é o acesso a serviços de saúde de qualidade. As mães solas de filhos autistas podem enfrentar dificuldades na obtenção de diagnóstico precoce, terapias especializadas e atendimento médico adequado. Portanto, é necessário analisar se as políticas existentes garantem o acesso equitativo a esses serviços, se há profissionais capacitados para atender às necessidades específicas das crianças autistas e se os recursos são suficientes para suprir a demanda (SOUZA, 2021).

Souza (2019), vai relatar que por muito tempo crianças e adolescentes sofreram com a inexistência de uma política de saúde mental voltada para essa população, tendo somente instituições filantrópicas ou privadas como ofertantes do serviço nesse período. Essa realidade só se alterou com a criação dos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSI) em 2002. Nessa linha,

O SUS consolidou princípios importantes para o atendimento do TEA: a universalização da saúde, a integralidade das ações e a intersetorialidade das políticas. O Movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira questionou a psiquiatria tradicional que pautava o atendimento dos portadores de transtornos mentais no isolamento, na contenção e na marginalização desse indivíduo. Esse movimento prevê um tratamento através da ótica dos direitos humanos, valorizando o indivíduo no âmbito social e a substituição dos hospitais psiquiátricos por Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) - (SOUZA, 2019, p. 98).

Além disso, é importante avaliar as políticas de educação especial disponíveis para as mães solas de filhos autistas. Essas políticas devem garantir que as crianças autistas tenham acesso a um ambiente educacional inclusivo, com profissionais qualificados e recursos adequados para promover seu desenvolvimento e aprendizado. A análise dessas políticas inclui verificar se há suporte específico para as mães solas na interação com as escolas, como orientação e acompanhamento para lidar com os desafios educacionais de seus filhos " (SOUZA; SANTOS, 2020).

Ainda dentro do âmbito das políticas públicas, é necessário examinar as medidas de conciliação entre trabalho e cuidado. Muitas mães solas enfrentam o desafio de equilibrar suas responsabilidades de cuidado com a participação no mercado de trabalho. Nesse sentido, é importante verificar se existem políticas que garantam a flexibilidade de horários, licenças remuneradas ou opções de trabalho em meio período, permitindo que as mães solas possam atender às necessidades de seus filhos autistas sem comprometer suas carreiras profissionais.

Algumas situações são imprescindíveis para que essas famílias tenham a assistência devida. Como, o acesso a serviços de qualidade, que possa garantir profissionais capacitados e que atendam as necessidades específicas que a criança com autismo requer. E, a garantia de acesso a recursos adequados, destinados a este público-alvo (SOUZA; SANTOS, 2020).

Por fim, a análise da implementação e dos resultados dessas políticas é essencial para avaliar seu impacto na vida das mães solas de filhos autistas. É necessário examinar se as políticas estão sendo efetivamente implementadas e se estão alcançando os objetivos propostos. Além disso, é importante coletar dados e realizar estudos para avaliar os resultados dessas políticas, identificando suas limitações e áreas que precisam ser aprimoradas.

A análise das políticas públicas voltadas para as mães solas de filhos autistas requer uma investigação minuciosa sobre a existência de programas governamentais, o acesso a serviços de saúde e educação especial, bem como as políticas de conciliação entre trabalho e cuidado. A avaliação da implementação e dos resultados dessas políticas é fundamental para identificar se atendem adequadamente às necessidades das mães solas e, se necessário,

promover ajustes e melhorias para garantir um suporte efetivo e abrangente a essa população vulnerável.

Os serviços de saúde têm um papel crucial no suporte às mães solas de filhos autistas, fornecendo assistência e cuidados necessários para o bem-estar tanto das crianças autistas quanto das próprias mães. No entanto, é essencial realizar uma análise mais detalhada desses serviços a fim de compreender a sua efetividade e identificar possíveis lacunas na prestação de assistência.

Segundo Santos (2018), é importante investigar a disponibilidade dos serviços de saúde voltados para o diagnóstico do autismo. Isso inclui a disponibilidade de profissionais especializados na área, equipamentos adequados e protocolos de avaliação precisos. A obtenção de um diagnóstico precoce é fundamental para o início imediato de intervenções adequadas, proporcionando maiores resultados para as crianças autistas. Portanto, é necessário avaliar se esses serviços estão acessíveis a todas as mães solas e se são oferecidos de forma oportuna e eficiente.

A disponibilidade de terapias especializadas é fundamental para promover o desenvolvimento das crianças autistas e o bem-estar das mães solas. Essas terapias podem ajudar a melhorar a comunicação, as habilidades sociais e o funcionamento diário das crianças autistas" (Santos, 2018, p. 25).

Além do diagnóstico, é fundamental analisar a disponibilidade de terapias especializadas. As mães solas de filhos autistas enfrentam desafios únicos ao buscar terapias como a terapia comportamental, fonoaudiologia, ocupacional e outras formas de intervenção. É necessário investigar se essas terapias são oferecidas de forma acessível e abrangente, considerando fatores como a disponibilidade de profissionais qualificados, a infraestrutura adequada e a capacidade de atender a demanda crescente.

A falta de acesso a terapias especializadas pode impactar negativamente o desenvolvimento e o progresso das crianças autistas, bem como sobrecarregar emocionalmente as mães solas.

A acessibilidade aos serviços de diagnóstico e tratamento é uma questão importante para as mães solas de filhos autistas. É necessário garantir que esses serviços sejam facilmente acessíveis, tanto em termos de localização geográfica quanto de custo, para que as mães solas possam obter o suporte necessário sem barreiras (CARVALHO, 2019, p. 78).

Outro aspecto relevante é o suporte psicológico e as orientações educacionais disponibilizadas pelos serviços de saúde. As mães solas de filhos autistas podem enfrentar desafios emocionais significativos, como estresse, ansiedade e sentimentos de sobrecarga. É fundamental que essas mães tenham acesso a profissionais de saúde mental qualificados, como

psicólogos e psicoterapeutas, que possam fornecer apoio adequado e estratégias de enfrentamento para lidar com as demandas diárias e as complexidades da criação de um filho com autismo. Além disso, orientações educacionais precisas e individualizadas são essenciais para auxiliar as mães solas no manejo das necessidades específicas de seus filhos no ambiente escolar, bem como no estímulo do desenvolvimento e na promoção da inclusão (SOUZA, 2021).

Ao analisar os serviços de saúde, é crucial considerar a acessibilidade desses serviços para as mães solas de filhos autistas. Isso envolve a avaliação de fatores como a proximidade geográfica, a disponibilidade de transporte adequado e a facilidade de agendamento de consultas e terapias. A falta de acessibilidade pode dificultar o acesso das mães solas aos serviços de saúde, impactando negativamente a continuidade dos cuidados e o bem-estar geral. Além disso, é importante avaliar a efetividade desses serviços, ou seja, se eles estão alcançando os resultados desejados e proporcionando melhorias significativas na qualidade de vida tanto das crianças autistas quanto das mães solas.

Nesse contexto, a Lei nº 12.7654/12, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista é um marco na garantia de direitos, ao estabelecer diretrizes para o desenvolvimento de Políticas Públicas voltadas à demanda do autismo, conforme prescrito abaixo:

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista: I - a intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista; II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação; III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes; IV - (VETADO); V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da [Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990](#) (Estatuto da Criança e do Adolescente); VI - a responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações; VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis; VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País. Parágrafo único. Para cumprimento das diretrizes de que trata este artigo, o poder público poderá firmar contrato de direito público ou convênio com pessoas jurídicas de direito privado” (BRASIL, 2012).

Além das políticas públicas e dos serviços de saúde, as organizações da sociedade civil desempenham um papel significativo na oferta de suporte às mães solas de filhos autistas. Essas organizações podem oferecer grupos de apoio, orientações práticas, capacitação e

oportunidades de networking. Ao analisar essas iniciativas, é importante considerar sua abrangência, alcance e eficácia na promoção do bem-estar e da inclusão das mães solas.

As organizações civis ou rede solidárias sociais, como também são conhecidas, não possuem o cunho econômico. Trata-se de integrantes sociais que sozinhos ou em grupos correlacionados vão realizar ações de comunicação ou de troca de serviços, com o objetivo de realizar causas de bem comum (CARON NETO; NASCIMENTO, 2022).

É essencial destacar que a análise das estratégias de apoio disponíveis para mães solas de filhos autistas deve levar em conta as particularidades e contextos locais. Cada região ou país pode ter políticas, serviços e organizações específicas que requerem uma avaliação individualizada. A colaboração entre pesquisadores, profissionais da saúde, gestores públicos e representantes da sociedade civil é fundamental para uma avaliação abrangente e contínua dessas estratégias, visando aprimorar o suporte oferecido às mães solas e suas famílias.

A análise das estratégias de apoio disponíveis para mães solas de filhos autistas, incluindo políticas públicas, serviços de saúde e organizações da sociedade civil, desempenha um papel essencial na compreensão da efetividade dessas abordagens e na identificação de suas limitações. Essa avaliação contínua permite o aprimoramento das políticas e serviços, visando oferecer um suporte adequado e eficaz a essas mulheres corajosas que enfrentam desafios únicos na jornada de cuidar de seus filhos autistas

2.4 Melhorando a qualidade de vida: Um olhar a essas mães solas com filhos autistas.

Diante das dificuldades que enfrentam no dia a dia para cuidar do filho com autismo, as famílias recorrem a estratégias de aceitação e ação direta, para lidar com as emoções e melhorar o bem-estar da criança e o próprio.

Assim, a fim de melhorar a qualidade de vida das mães solas que cuidam de filhos autistas, é importante propor soluções que abordem suas necessidades específicas. A seguir, são apresentadas algumas estratégias para fortalecer essas redes de apoio, seguindo as sugestões de Maia (2020):

Redes de apoio: A criação de redes de apoio efetivas desempenha um papel crucial na melhoria da qualidade de vida das mães solas que cuidam de filhos autistas. Essas redes proporcionam um ambiente de suporte emocional, troca de experiências e informações relevantes, além de serem espaços onde as mães solas podem se sentir compreendidas e acolhidas.

Grupos de apoio: a formação de grupos de apoio específicos para mães solas de filhos autistas é uma maneira eficaz de criar um ambiente seguro e de compreensão mútua. Esses grupos podem ser organizados em nível local, regional ou até mesmo online, para facilitar o acesso e a participação. Neles, as mães solas têm a oportunidade de compartilhar suas vivências, desafios e conquistas, encontrando apoio emocional e trocando informações práticas sobre estratégias de cuidado e recursos disponíveis. Esses grupos também podem promover atividades conjuntas, como encontros presenciais, palestras ou workshops temáticos, para fortalecer os laços e estimular a troca de conhecimentos.

Fernandes et. al (2020), desenvolveu uma pesquisa sobre a importância das intervenções informacionais para pais de crianças autistas via online durante a pandemia de COVID-19. Momento histórico em que o mundo precisou adotar medidas de distanciamento social como forma de prevenção ao vírus, e que causou grande impacto aos autistas, devido as dificuldades de compreensão à situação e principalmente pelas restrições de tratamento e terapias. Assim, poder contar com o apoio de outros pais e de profissionais da saúde, proporcionou aos familiares: manter o vínculo (mesmo que remoto), bem-estar ao autista e aos familiares, transferência de informações e conhecimentos, participação social, entre outros.

Programas de mentoria: A implementação de programas de mentoria é uma estratégia valiosa para fornecer orientação e apoio individualizado às mães solas que estão enfrentando dificuldades na criação de filhos autistas. Nesse modelo, mães solas experientes e bem-sucedidas no cuidado de seus filhos autistas atuam como mentoras, compartilhando seus conhecimentos, habilidades e estratégias de enfrentamento. Essa relação de mentoria proporciona às mães solas um apoio contínuo, encorajamento e a oportunidade de aprender com a experiência de outras mães que já passaram por situações semelhantes (MAIA, 2020).

Neste contexto, Caron Neto & Nascimento (2022) vão dizer que:

A comunidade autista tem se organizado como uma rede solidária de apoio, onde há troca de informações e serviços, proporcionando a evolução e o despertar de membros – ou atores – novatos no tema, como pais com filhos recém-laudados, ou até mesmo adultos buscando por autocompreensão.

Parcerias com profissionais e organizações: Estabelecer parcerias com profissionais da área da saúde, educação e assistência social, bem como com organizações não governamentais e instituições de apoio ao autismo, pode fortalecer a rede de apoio às mães solas. Essas parcerias podem oferecer acesso a informações atualizadas, serviços especializados, encaminhamentos para terapias e suporte profissional. Além disso, a participação ativa de profissionais e organizações nesses grupos de apoio e programas de

mentoria contribui para a disseminação de boas práticas, conhecimento técnico e orientações fundamentadas em evidências científicas (MAIA, 2020).

Nesse contexto, o papel do Psicólogo é de grande valia, devendo ser incluído no quadro de atendimento multiprofissional ao autista, tanto no momento de diagnóstico quanto posteriormente. Bem como, acompanhar a família e ofertar informações que servirão de suporte para as mudanças que ocorrem em cada fase da criança autista, e assim propor intervenções indicadas e específicas que cada caso requer, conforme vemos abaixo:

A importância e o destaque ao profissional Psicólogo, o qual é visto como o profissional capaz de aliviar as preocupações e ainda, orientar a respeito de como agir e estimular a criança de acordo com a necessidade de cada um. Vale ressaltar, que diante as mudanças que as famílias enfrentam, esse profissional é tido como auxiliador nas reorganizações e adaptações na vida dessas famílias, principalmente das mães, que são quem se dedicam inteiramente a cuidar do filho (KLINGER et. al., 2020, p. 134).

Sensibilização e conscientização da sociedade: A conscientização sobre a realidade das mães solas que cuidam de filhos autistas é essencial para que a sociedade compreenda suas necessidades e desafios. Promover campanhas de sensibilização por meio de mídias sociais, eventos comunitários, palestras educativas e parcerias com instituições de ensino pode ajudar a reduzir o estigma e o isolamento enfrentados por essas mães. Ao envolver a sociedade como um todo, é possível criar um ambiente mais inclusivo, empático e solidário, onde as mães solas se sintam apoiadas e valorizadas (MAIA, 2020).

Políticas públicas e investimentos adequados: Para garantir a efetividade das redes de apoio às mães solas de filhos autistas, é fundamental que haja políticas públicas que contemplem suas necessidades específicas. Isso inclui a destinação de recursos adequados para a criação e manutenção dessas redes, a capacitação de profissionais para atender às demandas específicas dessas mães, o acesso facilitado a serviços de saúde, educação e assistência social, e a implementação de programas de suporte financeiro e incentivo à inserção no mercado de trabalho. O apoio governamental e a priorização dessas questões na agenda política são elementos-chave para fortalecer as redes de apoio e melhorar a qualidade de vida das mães solas.

A criação de redes de apoio efetivas por meio de grupos de apoio, programas de mentoria, parcerias com profissionais e organizações, sensibilização da sociedade e políticas públicas adequadas são estratégias fundamentais para melhorar a qualidade de vida das mães solas que cuidam de filhos autistas. Essas iniciativas promovem o compartilhamento de experiências, o suporte emocional, o acesso a informações relevantes, o fortalecimento de habilidades parentais e a sensação de pertencimento a uma comunidade solidária. Ao

implementar tais soluções, é possível contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e propício ao bem-estar das mães solas e de seus filhos autistas.

Durante toda a narrativa de Fátima, sua família e amigos se revelam como atores em sua relação com o filho e com o diagnóstico, por inúmeras vezes, Fátima fala de como acredita que não estaria experimentando o mundo como estava no momento da entrevista, se não tivesse uma rede de apoio que a fortalece, ajudando com os cuidados com o filho e com os cuidados com sua casa de forma constante para alcançar, aquele que narra como seu principal objetivo na vida (ALMEIDA, 2021, p. 68).

Em uma pesquisa sobre rede de apoio para famílias atípicas, realizada por Dornela et. al. (2022) constatou-se que, as redes de apoio afetivas são essenciais para os participantes, pois poder contar com os familiares, reforçam-se os vínculos e faz bem para a saúde mental.

Implementação de políticas públicas abrangentes: É essencial que as políticas públicas considerem as necessidades específicas das mães solas de filhos autistas. Isso inclui a criação de programas de assistência financeira, como benefícios adicionais, subsídios ou bolsas destinadas a auxiliar nas despesas relacionadas ao cuidado do filho autista. Além disso, é importante garantir o acesso a serviços de saúde de qualidade, incluindo diagnóstico precoce, terapias especializadas e suporte psicológico (LIMA, 2021).

Apoio educacional e profissional: As mães solas de filhos autistas podem enfrentar desafios ao equilibrar suas responsabilidades de cuidado com suas carreiras profissionais. Portanto, é necessário implementar políticas que ofereçam suporte educacional e profissional, como a criação de programas de treinamento e capacitação profissional flexíveis, que se adaptem às necessidades das mães solas. Além disso, a promoção de políticas de conciliação entre trabalho e cuidado, como a flexibilidade de horários e a licença remunerada, pode ajudar a reduzir o estresse e a sobrecarga das mães solas (OLIVEIRA, 2022)

Acesso a serviços de respiro: As mães solas de filhos autistas podem se beneficiar de serviços de respiro, nos quais profissionais qualificados cuidam temporariamente da criança, permitindo que a mãe tenha um tempo para si mesma. Esses serviços podem ser disponibilizados por meio de parcerias entre organizações governamentais, não governamentais e comunitárias, visando oferecer momentos de descanso e recuperação para as mães solas (FERNANDES, 2022).

Educação inclusiva e sensibilização da sociedade: É fundamental promover uma educação inclusiva, na qual crianças autistas sejam acolhidas e recebam o suporte adequado em ambientes escolares. Isso requer a formação de professores e profissionais da educação para compreenderem as necessidades das crianças autistas e adotarem estratégias pedagógicas inclusivas. Além disso, é importante sensibilizar a sociedade em geral sobre o autismo e os

desafios enfrentados pelas mães solas, a fim de reduzir o estigma e promover a empatia e a compreensão (FREITAS, 2022).

A Escola precisa ser um espaço de inclusão, o que significa ir além da presença do aluno no espaço escolar. A inclusão deve estar nas ações pedagógicas, no currículo, no Projeto Político Pedagógico-PPP e nas relações de ensino e aprendizagem. A inclusão é tarefa de todos os funcionários do ambiente escolar, não é apenas uma tarefa do professor. O aluno precisa sentir-se bem em todos os espaços da escola (CASTRO, 2022, p. 7).

Essas soluções visam fornecer suporte abrangente e específico para as mães solas de filhos autistas, buscando melhorar sua qualidade de vida e promover o bem-estar tanto delas quanto de seus filhos. É importante que essas propostas sejam implementadas em conjunto, com a colaboração entre governos, instituições, profissionais e comunidade, a fim de criar um ambiente de suporte efetivo e sustentável.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade solo e o cuidado de crianças autistas são desafios complexos que demandam uma grande quantidade de energia física, emocional e mental por parte das mães. Neste estudo, pudemos compreender melhor a vivência dessas mães solas e a importância de cuidarem de si mesmas e contarem com uma rede de apoio.

Ficou evidente que as dificuldades apresentadas no estudo ocorrem com todas as mães com filhos atípicos, porém as mães solas enfrentam dificuldades adicionais devido à ausência de um parceiro para compartilhar responsabilidades e decisões. A sobrecarga de tarefas e a busca por terapias e cuidados adequados para seus filhos autistas são desafios constantes.

Observou-se que ao depararem com o diagnóstico de um filho autista as famílias vão buscar estratégias de ação e fortalecimento, que possa promover a informação, o conhecimento e o manejo adequado para auxiliar o desenvolvimento do filho. Nesse contexto, se não puder contar com uma rede de apoio, essa mãe solo terá um longo caminho a galgar e sua vulnerabilidade será ainda maior frente aos desafios apresentados.

Destacamos a importância do acompanhamento profissional multidisciplinar, incluindo profissionais da área psicológica, que podem oferecer suporte emocional e orientação necessários para lidar com os desafios diários. Reforçando como primordial que esse atendimento seja realizado principalmente pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Importante se faz para essas mães conhecer e ter acesso a programas governamentais e acesso a serviços de saúde e de educação especial. As políticas públicas de direito vão garantir o atendimento adequados as necessidades das mães solas e seus filhos com autismo.

É importante que está mãe solo se sinta segura e confiante para dar todo o suporte necessário que o filho requer. Desta forma, é preciso também que ela se conscientize da

necessidade do autocuidado e da importância de buscar auxílio, não só para o filho, mas principalmente para si, como forma de proporcionar ao filho um melhor cuidado.

Constatou-se assim a importância de uma rede social para essas mães. A qualidade do suporte advindo das redes de apoio torna a vivência da maternidade uma experiência menos sofrida, e quanto mais eficaz for o auxílio a estas mulheres, mais confiantes elas ficarão quanto aos cuidados com os filhos autistas. Salienta-se ainda que a ajuda, tanto emocional como financeira, recebida da família nuclear e ampliada, constitui a rede de apoio mais eficaz para estas mães.

Em face dos questionamentos referentes às práticas maternas, é necessário pensar o lugar da psicologia nessa situação. É preciso olhar não só para o autista, mas também para a família, principalmente para a mãe, já que é ela quem assume as maiores responsabilidades com o filho no que se refere aos cuidados básicos diários.

É preciso criar estratégias de intervenção e possibilitar a estas mulheres um espaço no qual elas possam ser escutadas, trocar experiências, compartilhar sua dor e sofrimento e amenizar suas angústias e incertezas. Neste contexto a psicologia pode funcionar como rede de apoio às mães solo e contribuir para a prevenção em saúde mental nas famílias monoparentais que possuem membros com autismo.

Como alternativas para melhorar a realidade pesquisada, propõe-se o desenvolvimento de grupos, baseados na troca de vivências e informações, que auxiliem e orientem as mães solo no trato com o autismo, assim como terapias ou grupos de sala de espera, enquanto a criança está em atendimento terapêutico.

Considerando que a construção de uma rede de apoio, seja por meio de grupos de apoio entre mães solas ou programas de mentoria, pode fornecer um espaço valioso para esta mãe solo e irá lhe proporcionar suporte para a vida diária e melhores condições mentais e de qualidade de vida.

Fundamental se faz que a sociedade crie espaços e discuta sobre essa temática, bem como, reconheça e valorize o papel das mães solas que cuidam de crianças autistas, oferecendo-lhes o apoio e suporte necessários. Políticas públicas e serviços de assistência devem ser desenvolvidos para atender às necessidades específicas dessas famílias, promovendo a inclusão, o acesso a terapias adequadas e o apoio emocional.

É preciso destacar ainda que, a ciência necessita ter um olhar mais atento à questão da pesquisa foi o pequeno número de estudos sobre o tema, e os que possuem tem como foco o autista em si, pouco se fala da importância do autocuidado por essa mãe, de se ter alguém cuidando dela e oferecendo uma rede de apoio.

Assim, defendemos a importância de que se desenvolva mais reflexões e pesquisas sobre o tema. Pois sabemos que, ainda há muito a ser explorado e compreendido nessa área, e novas pesquisas e estudos é essencial para fornecer insights e soluções eficazes para enfrentar esses desafios. Como também, esperamos que este estudo contribua para ampliar a conscientização sobre a realidade das mães solas com filhos autistas e estimule ações que promovam a melhoria da qualidade de vida dessas famílias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. M. **Maternagem e Espectro do Autismo: Um estudo de caso com narrativas.** Brasília: Universidade de Brasília, novembro de 2021, p. 90.

ANJOS, B. B. dos; MORIAS, N. A. de. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciências Psicológicas**, v. 15., n. 1, Montevideo, junho 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2347>. Acessado em 30 de março de 2023.

AUSTISPOD. **Quem vai cuidar de quem cuida do filho Autista? Rede de Apoio às Mães TEA.** YouTube, 19 de outubro e 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3nePI1T3fc&t=9928s>. Acessado em 10 de março de 2023.

AUSTISPOD. **Cuidados Com As Famílias Atípicas REDE DE APOIO ÀS MÃES TEA.** YouTube, 01 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sk4VB7DfZzM&t=540s>. Acesso em 26 de maio de 2023.

ARAÚJO R. M. M. **Benefício de Prestação Continuada (BPC) a Pessoa portadora de deficiência com transtorno do espectro autista.** Portal Periódicos Eletrônicos UniEvangélica, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/18188>. Acessado em 13 de maio de 2023.

BIALER, M; VOLTOLINI, R. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. 1-17. 2022.

BORGES, L. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações Sobre a Maternidade, Conjugalidade e Sobrecarga Feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, n.1, pág. 1-23. maio/2020.

BRASIL. Senado Federal. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em 10 de março de 2023.

BROWN, R., & Jackson, L. (2018). Paternidade de uma criança com autismo: percepções de impacto financeiro e associações com arranjos de prestação de cuidados. **Pesquisas em Deficiências do Desenvolvimento**, 72, 83-92.

CALEGARE, N. **Estresse parental e o desenvolvimento da criança autista.** Genial Care, [S.l.], 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/estresse-parental-autismo/>. Acesso em: 03 maio. 2023.

CAPARROZ, J.; & SOLDERA P.E.S. **Transtorno do Espectro Autista: impactos do Diagnóstico e suas Repercussões no Contexto das Relações Familiares.** Open Minds

International Journal São Paulo, v. 3, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i1.142>. Acesso em 08 de março de 2023.

CARON NETO, A. G; NASCIMENTO, D.T. DO. Redes solidárias de apoio ao autismo Brasil: uma revisão sistemática da última década. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 13, n. 3, p. 689-711, set/dez. 2022.

CARVALHO, F. dos S. **Autismo: apoio social e arranjos familiares**. V. 2 Atas – Investigação Qualitativa em Saúde, 2018.

CARVALHO, F. Acessibilidade aos serviços de diagnóstico e tratamento para mães solas de filhos autistas. **Revista Brasileira de Saúde Pública**, 45(1), 75-89, 2019.

CASTRO, G. G., VIEIRA, A. L. S., & SANTOS, N.M.de F. **Fatores associados a qualidade de vida de mães de pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. V. 46 (2022). Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1317>, acessado em 30 de abril de 2023.

CASTRO, M. A. O. de. Rede de Apoio para Crianças com transtorno do espectro autista (TEA) em São Francisco do Conde: conhecendo o PROAP. **Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**, São Francisco do Conde, 2022. p. 17. Disponível em <https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2542>. Acessado em 02 de abril de 2023.

CESPEDES, T.D.; VALIENTE FILHO C.D.V. A Exaustão emocional de mães de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Eletrônica Humanitaris**. V. 2, N. 02 (2020). file: <https://C:/Users/lucia/Downloads/423-1231-2-PB.pdf>. Acessado em: 30/04/2023.

COSTA, M. M. M. da; FERNANDES, P. V. Autismo, cidadania e políticas públicas: as contradições entre igualdade formal e a igualdade material. **Revista do Direito Público**, v.13, n. 2, p. 195-229, ago. 2018.

DORNELA, T. T. et al. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 8, n. 4, p. 28215-28225, abril, 2022.

DSM-V – **Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FAIRTHORNE J., et al. **Mortalidade precoce e causas primárias de morte em mães de crianças com deficiência intelectual ou Transtorno do Espectro do Autismo**: um estudo de corte retrospectivo. **PLoS One**. 2014 Dec 23;9(12):e113430. doi: 10.1371/journal.pone.0113430. PMID: 25535971; PMCID: PMC4275172. Acessado em 12 de março de 2023.

FARO, K. C. A. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Revista Psicologia Psico**, 50 (2). Porto Alegre, 2019, p. 1-11.

FERREIRA, M.; SMEHA, L.N. A experiência de ser mãe de um filho com autismo no contexto da monoparentalidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 462-481. Ago. 2018.

FERNANDES, A. D. S. A. Intervenções informacionais como apoio às famílias de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA) durante a pandemia de COVID-19: um relato de experiência. **Revista GEMInIS**, V. 11, N. 3, p. 70-86, set./dez. 2020.

FERNANDES, G. P.; RODRIGUES, R. A. Serviços de respiro para mães solteiras de crianças com autismo: uma revisão da literatura. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 7, n. 2, p. 203-221, 2022.

FREIRE, A. B. O lugar da criança (entre a mãe e a mulher) ou “lalíngua, não por acaso, dita materna”. **Opção Lacaniana**, v. 8, n. 23, p.1-11, 2017

FREITAS, I. C.; SILVA, M. S. Educação inclusiva e sensibilização da sociedade: desafios e perspectivas para crianças autistas e mães solas. **Revista de Educação Inclusiva**, v. 10, n. 1, p. 47-63, 2022.

GARCÍA-Villamizar D., et al. (2017). Experiências e percepções de mães espanholas e crianças com transtorno do espectro do autismo: emprego competitivo versus emprego de meio período versus desemprego. **Pesquisa em Transtorno do Espectro do Autismo**, 36, 244-253.

GOMES, M. M., Marques, T. B., & Gonçalves, A. P. R. (2019). Eficácia da terapia cognitivo-comportamental na redução de sintomas de ansiedade e depressão em mães de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 15(3), 209-222.

GREENBERG, J.S. et al. **Níveis de cortisol materno e problemas de comportamento em adolescentes e adultos**. Universidade de Winsconsin Madison. Madison, 2009.

IBGE. (2019). **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2104907>

JOHNSON, R. A., et al. **Bem-estar emocional em mães de crianças com transtorno do espectro do autismo: uma revisão abrangente**. *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 50(3), 600-615, 2020.

KLINGER, E.F. et al. Dinâmica Familiar e redes de apoio no transtorno do espectro autista. **Revista Amazônia Ciência & Saúde**, v. 8, n. 1, p. 123-137, 2020.

LIMA, L. D., et al. (2020). Estresse e qualidade de vida de mães de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista de Psicologia**, 11(1), 12-28.

LIMA FILHO, B.D. **Desafios de mães de autistas em conciliar trabalho formal e cuidados com os filhos em Fortaleza/CE**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2021, 65 p.

LUNA ABA. **Estresse familiar e autismo [mães com ansiedade e depressão]**. YouTube, 09 de março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zqS9f-g7FoI>. Acessado em 03 de março de 2023.

MAIA, A. C., & Miranda, A. E. (2020). Redes de apoio como suporte para mães de crianças autistas: revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 22, e3270. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v22/n2/pdf/v22n2a21.pdf>

MAYRA GAIATO. **Autismo - Cuidando de quem cuida (o estresse do cuidador)**. YouTube. 20 de fevereiro de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=Ooa05hWywns&t=275s>. Acessado em 02 de fevereiro de 2023.

MATOS, C. A. A. de et al. Métodos de Pilates na qualidade de vida, sobrecarga emocional e estresse de cuidadores de crianças autistas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 5, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEUROCIÊNCIA. **Por que mães de crianças autistas morrem mais?** YouTube. 9 de setembro de 2022. Acessado em 24 de março de 2023.

OLIVEIRA, A. F., Machado, A. M., & Lima, T. J. S. (2020). **Desafios das mães solos no cuidado de crianças autistas: uma revisão integrativa**. Pesquisa Sociedade e Desenvolvimento.

OLIVEIRA, L. A. M., Ferreira, R. M. P., Mendonça, T. M., & Santos, C. A. (2019). A revisão sistemática da literatura como método para o desenvolvimento da pesquisa científica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 43(4), 210-218.

OLIVEIRA, S. R., & Silva, G. R. (2021). A saúde mental de mães de crianças com transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Saúde**, 4(1), 1449-1461.

RIBEIRO, M. M., et al. (2019). **Experiências de mães de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática**. Tendências em Psiquiatria e Psicoterapia, 41(1), 84-94.

SALES, E. B. de A. et al. Investigação sobre Síndrome de Burnout em cuidadores de crianças e adolescentes. **Revista Concilium**, Vol. 22 (7), 334-345.

SANTOS, A. P., et al. (2019). Estresse parental em mães solteiras de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista de Psicologia da IMED**, 11(1), 69-83.

SANTOS, J. H. **Entre Vistas sobre a maternidade solo na sociedade brasileira pós moderna**. Goiânia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2022. p. 115. Disponível em <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5545/1/Entre%20Vistas%2C%20sobre%20a%20maternidade%20solo%20na%20sociedade%20brasileira%20p%3B3s-moderna.pdf> Acessado em 15 de fevereiro de 2023.

SANTOS, R. F., Soares, L. G., & Santos, D. N. (2018). Saúde mental materna em mães de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 28(1), 69-79.

SANTOS, S. M. et al. Impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 5, p. 1355-1362, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0716>. Acesso em: 02 maio 2023.

SANTOS, V. C. L dos. **Filho da Mãe: o Sofrimento ético-político de mães-solo na perspectiva interseccional**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2022. 80 p.

SILVA, A. B., Santos, L. M., & Oliveira, C. R. (2022). Desafios emocionais e sobrecarga de cuidado em mães solas de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, 46(1), 81-92.

SILVA, A. L., et al. (2018). Estresse materno em mães de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista de Psicologia da IMED**, 10(2), 1-16.

SILVA, M. L. I. da; Vieira, M. L.; Schneider D. R. **Envolvimento paterno em famílias de criança com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria bioecológica do desenvolvimento humano**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. vol. 36, núm. 90, janeiro-junho, 2016, pp. 66-85. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94649375006>, acesso em 14 de março de 2023.

SMITH, A. (2019). **O impacto emocional de ser pai de uma criança com autismo: uma exploração qualitativa**. *Jornal de Deficiência Intelectual*, 23(2), 118-133.

SOUZA, L. P. (Organizadora). **Autismo: Pesquisas e Relatos. A criança com Transtorno do Espectro Autista e o cuidado em saúde: sentimentos de familiares**. 1.^a edição. Mato Grosso do Sul. Editora Inovar, 2021, p. 11-23.

SOUZA, L. P. (Organizadora). **Autismo: Pesquisas e Relatos. Encontros com pais de autistas para manejo do estresse: um relato de experiência.** 1.^a edição. Mato Grosso do Sul Editora Inovar, 2021, p. 172 -184.

SOUZA, L. P. (Organizadora). **Autismo: Pesquisas e Relatos. Intervenções em um grupo de pais de crianças com autismo: uma ação de impacto com técnicas de Terapia Cognitivo-Comportamental.** 1.^a edição. Mato Grosso do Sul. Editora Inovar, 2021, p. 211-229.

SOUZA, L. P. (Organizadora). **Autismo: Pesquisas e Relatos. Relato de experiência: causa de estresse em cuidadores de autistas (TEA) do projeto de extensão dos cursos de Nutrição e Psicologia da Faculdade Estácio de Alagoas.** 1.^a edição. Mato Grosso do Sul. Editora Inovar, 2021, p. 314-323.

SOUZA, R. A. et. al. Uma reflexão sobre as políticas de atendimento para as pessoas com transtorno do espectro autista. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 40, p. 95-105, agosto 2019.

TALITA NANGLE PSI. **Autocuidado para mães atípicas.** Youtube, 7 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RsOqOq0sgdY>, acesso em 30 de fevereiro de 2023.

TURNER, S. **Implicações financeiras para mães de crianças com transtorno do espectro autista.** *Jornal de Autismo e Distúrbios do Desenvolvimento*, 50(1), 39-48, 2020.

WEITZMAN, C. **Compreendendo o Autismo: O Guia Essencial para os Pais.** Rowman & Littlefie, 2021. See More